

RESISTÊNCIA CULTURAL DOS BUMBÁS E PÁSSAROS NO BAIXO AMAZONAS: ESTUDO DE CASO DOS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS DE MOCAMBO DO ARARI E CABURI, PARINTINS – AM

GABRIEL AUGUSTO NOGUEIRA DOS SANTOS – UFAM – Manaus – Amazonas – Brasil
gabriel_sauber96@yahoo.com.br

RESUMO: As relações urbano-rurais na região amazônica são regidas principalmente no âmbito do capital e da modernidade. No caso da região, essa influência é baseada principalmente pelos seus agentes e pela sua formação territorial e econômica. O objetivo desse artigo é mostrar a questão cultural formada nesse contexto e sua resistência, tendo como pano de fundo, os distritos de Mocambo do Arari e Caburi, localizados na cidade de Parintins – AM. Tem como metodologia, uma análise documental e coleta primária de dados com os brincantes de agremiações e os agentes envolvidos na preservação da cultura nessas regiões. Nota-se no contexto, a manutenção da preservação frente aos interesses econômicos e a desvalorização por parte do poder público. Com isso, o papel da comunidade é do passar a tradição para as gerações e também, se adaptarem conforme a modernidade e as relações capitalistas vigentes.

Palavras-Chave: folclore, urbanidade, Amazônia, Parintins.

CULTURAL RESISTANCE OF BUMBAS AND BIRDS IN BAIXO AMAZONAS: A STUDY OF CASE IN MOCAMBO DO ARARI AND CABURI FOLKLORIC FESTIVAL, PARINTINS - AM

ABSTRACT: In Urban-rural relations in the Amazonia are mainly governed by capital and modernity. In the case of the region, this influence is mainly based on its agents and their territorial and economic formation. The purpose of this article is to show the cultural issue formed in this context and its resistance, against the background of the districts of Mocambo do Arari and Caburi, located in the city of Parintins - AM. It has as methodology, a documentary analysis and primary data collection with the players of associations and the agents involved in the preservation of culture in these regions. Note in the context, the maintenance of preservation against economic interests and the devaluation by the government. In the context, the role of the community is to pass the tradition to the generations and also to adapt to modernity and current capitalist relations.

Key-words: folklore, urbanity, Amazonia, Parintins

INTRODUÇÃO

As relações urbano-rural se diferem principalmente pelas relações capitalistas e também pelos seus circuitos. Entretanto, com o fortalecimento do capitalismo, as relações entre ambas ganham novas conotações, principalmente pela presença das características urbanas no rural e vice-versa.

Essa concepção, conforme destaca Santos (2003) e Silva (2009), se relacionam principalmente pelos sistemas de objetos e ações, assim reproduzindo os comportamentos e

as contradições sociais vigentes. Com isso, o nítido da relação campo-cidade se torna cada vez menor, devido aos novos processos que vão surgindo nessas áreas.

Nesse aspecto, é relacionado também o “fazer a cidade”, dos grupos humanos, a partir da territorialização e do cultivo de suas atividades e o fortalecimento de suas identidades, conforme analisa Arantes (2009). No âmbito da região Amazônica, essa relação urbano-rural é vista de uma forma diferenciada, principalmente pelos formatos de ocupação e distribuição espacial na região amazônica.

Anteriormente, Tocantins (2000) destaca o processo de ocupação deste território, como um aspecto de mobilidade e dispersão, devido as suas ocupações geográficas. A partir desse aspecto, é destacado também as questões, a fixação dos negros na região amazônica, em um vasto território, destacando a participação destes, nos principais movimentos revolucionários da região.

Com as influências destes, além das presenças posteriores da migração nordestina, a difusão da cultura do boi-bumbá e dos cordões de pássaros juninos, derivada das tradições oriundas do Pará e do Nordeste, ganham novas conotações, principalmente relacionado as épocas de celebração, ainda destacados por Tocantins (2000) e Cavalcanti (2000), com surgimento ainda em meados do século XIX.

Dos processos de vindas para a região Amazônica e a consequência fixação em Parintins em inícios do século XX, a construção da brincadeira de boi-bumbá na Amazônia, trouxe diversas modificações, até a sua transformação em espetáculo e suas alteridades. A partir disso, as ramificações desse espetáculo se fazem presentes em diversas cidades e vilas da região amazônica, com seus tons e traços próprios.

O trabalho em questão, a partir desses traços, destaca no território de Parintins, as concepções do brincar de boi e nos cordões, a partir da relação cidade-campo, tendo como áreas, os Distritos do Mocambo do Arari e do Caburi, a partir das relações de hibridismo e empréstimo, ao seu formato de moderno e suas alternâncias, conforme analisa Braga (2009).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será baseada em uma abordagem qualitativa, cuja definição de Gunther (2006) envolve as relações dos diferentes sujeitos e suas realidades. A partir disso, haverá uma concomitância de métodos, baseadas em um estudo de caso e uma análise de conteúdo, conforme descreve Lakatos e Marconi (2019).

Portanto, a metodologia do artigo será destacada nas seguintes etapas:

-
1. Revisão de Literatura – relacionada ao contexto de Antropologia, Geografia e Ciências Sociais;
 2. Delimitação da área de estudo e coleta de dados a partir das agremiações que estão envolvidas (contextos históricos, regulamento dos festivais) e matérias jornalísticas;
 3. Análise de conteúdo do material coletado para posterior escrita, sintetização das informações e tabulações.

ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo é correspondente ao município de Parintins, distante 370km de Manaus e com uma população estimada em 102.033 habitantes (IBGE, 2019). Fundada em 1796 e elevada à categoria de município em 1852. Considerada a principal cidade da região do Baixo Amazonas, a mesma exerce uma influência nos demais municípios localizados no estado do Amazonas e Pará, devido a sua importância central dos serviços públicos.

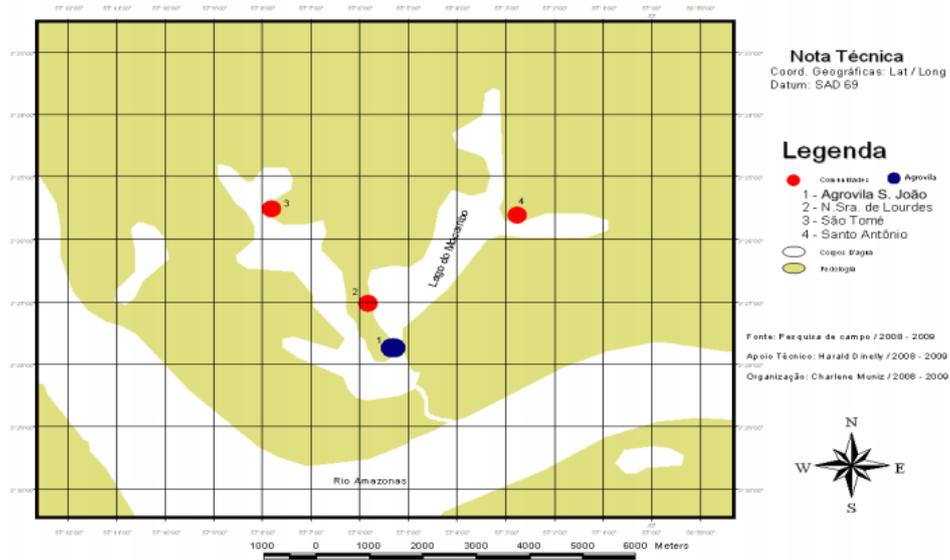
A divisão urbana de Parintins é constituída por 25 bairros na área urbana, conforme descreve Souza (2013) e cerca de 05 distritos: Mocambo, Caburi, Zé Açú, Maranhão e Vila Amazônia, sendo os dois primeiros objetivos do estudo em questão.

O Distrito do Mocambo do Arari é localizado cerca de 1h30 da cidade de Parintins, a partir do transporte fluvial. Os primeiros registros, conforme descreve Silva (2009), remetem ao passado da Cabanagem, onde o significado de Mocambo seria um refúgio de escravos fugitivos.

Segundo Silva (2009) e Gomes (2007), apesar desses registros, o fortalecimento da região se deu somente a partir dos anos 1960, com o surgimento da Congregação Mariana e posteriormente, o surgimento dos primeiros serviços se deu na elevação a categoria de agrovila, a partir de 1978. A categoria de distrito, a região foi elevada a partir da lei nº1707/85, com essa divisão.

A região é dividida em 01 agrovila (São João do Mocambo) e 03 comunidades (Nossa Senhora de Lourdes, hoje bairro integrante da agrovila; São Tomé e Santo Antônio). A agrovila é considerada a sede do distrito, onde dispõe de toda a infraestrutura de serviços básicos disponíveis, conforme visto na figura abaixo.

Figura 01: Mapa da Região do Mocambo do Arari

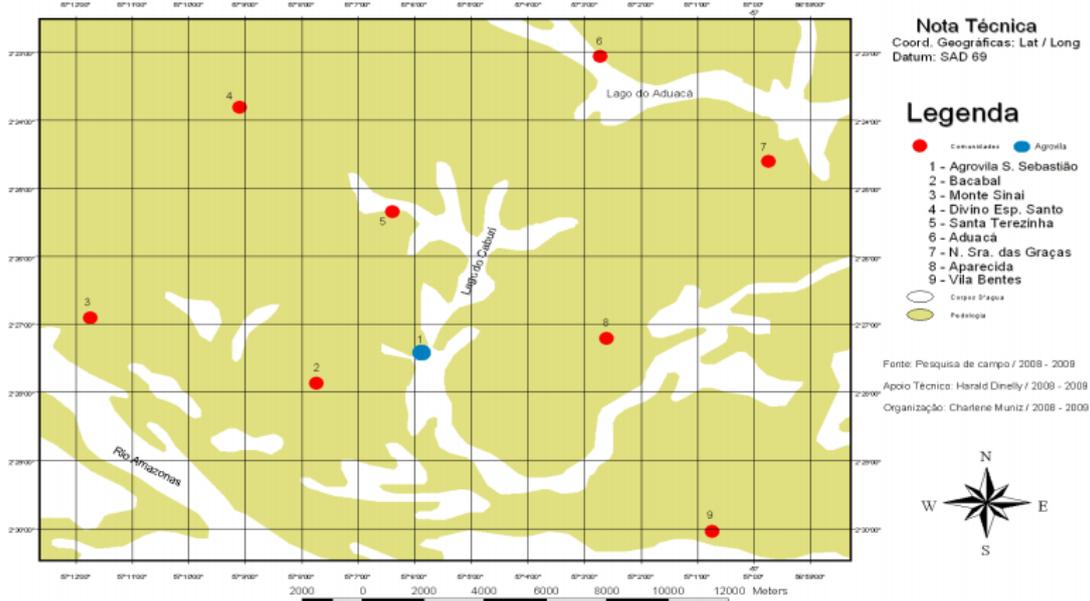


Elaborado por: Silva, 2009

O Distrito do Caburi, localizado na região correspondente ao lago de mesmo nome, teve diversos fatos acerca de sua população. Inicialmente desbravado em inícios do século XX, conforme destaca Silva (2009), apesar dos surtos de doenças entre os anos 1920 e 1940, o local passou a ganhar notoriedade a partir dos anos 1960, com os festejos religiosos.

O Distrito é dividido em 01 agrovila (São Sebastião do Caburi) e 08 comunidades (Bacabal, Monte Sinai, Divino Espírito Santo, Santa Terezinha, Aduacá, Nossa Senhora das Graças, Aparecida e Vila Bentes), conforme descreve Silva (2009) e visto na figura abaixo.

Figura 02: Mapa da Região do Caburi



Elaborado por: Silva, 2009

Os dados populacionais, segundo Silva (2009) e Azevedo Filho (2013), mostram a população em ambas as regiões em um patamar entre 4 mil a 10 mil pessoas, sendo só nas principais localidades de cada região, uma presença de no mínimo, 2.200 pessoas. A partir dessa delimitação, é possível compreender as relações com a cidade de Parintins, no contexto de uma dependência política e econômica, tendo uma centralidade específica nas comunidades e os impactos a serem causados nas festas populares, de integração e socialização, além das trocas.

DA RUA E POLÊMICA RELIGIOSA: O CONTEXTO DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DO MOCAMBO DO ARARI

Histórico, formatos e locais

A história do Festival é datada de meados de 2003, devido a polêmica envolvendo os moradores da região e a igreja católica. Até então, quem vencia o Festival de Parintins, realizava a festa da vitória na agrovila e convocava os moradores. Outros relatos, relacionam principalmente a brincadeira de boi era relacionada com algo de matriz das religiões africanas e consideradas como algo profano.

Com isso, a igreja local proibiu a realização das brincadeiras dos bois, principalmente envolvendo os da sede do município, Garantido e Caprichoso durante os arraiais de São João Batista. Entretanto, já havia um bumbá, criado em 1999 que desfilava pelas ruas do distrito, com paródias dos bumbás de Parintins, denominado de “Espalha Merda”, hoje, o que seria o Espalha Emoção, conforme visto na figura 03.

O primeiro festival foi institucionalizado em 2004 e ocasionou as disputas nas seguintes modalidades: boi-bumbá, quadrilhas e brincadeira dos pássaros, sendo estas últimas realizadas com mais de 50 anos e que foram inseridas nesse novo formato, as disputas e divisão em itens. São avaliados na modalidade boi-bumbá, 21 itens, igual ao que é realizado em Parintins, 7 itens nas quadrilhas juninas e nos cordões de pássaros, 19 itens.

Figura 03: Primeiros registros da brincadeira de Boi no Mocambo



Créditos: Acervo Alair Reis e Portal A Crítica

Ao longo das 16 edições do festival, sendo a última em 2019, houve um processo de estruturação acerca do espaço onde se realiza as disputas. Nos primeiros anos, o denominado “Mocambódromo”, continha uma estrutura de madeira, mas a partir de 2014, passou a contar com uma estrutura fixa e um novo nome: Centro Cultural Victor Mendonça ou Arena Mocambódromo (Nonato, 2019) onde contém arquibancadas com capacidade para 1900 pessoas, além de uma nova estrutura em chão para as apresentações, conforme visto na figura abaixo.

Figura 04: Estrutura definitiva do Mocambódromo



Créditos: Amazonas Notícias e Prefeitura de Parintins

A organização do festival é realizada pela Associação das Tradições Culturais do Mocambo do Arari (ATRACAMAR) e nos últimos anos, contou com a parceria da Prefeitura de Parintins e posteriormente, o envolvimento do Governo do Estado do Amazonas. Um dos aspectos nessa parceria, é o repasse de verbas as agremiações e posterior surgimento dos trabalhos de diversos artistas, oriundos dos bois de Parintins ou até mesmo de outros eventos da região, destacados por Lopes e Barbosa (2017).

Um dos fatores relacionados ao Mocambo, é a sua diferenciação perante aos bois de Parintins. Enquanto o Garantido e o Caprichoso contém estruturas de ferro, os bois e pássaros contém em seus trabalhos, matérias-primas exclusivamente da natureza. As roldanas das alegorias são confeccionadas com madeiras, enquanto que a alegoria se utiliza de madeira, cipós e folhas da região, conforme visto na figura abaixo.

Figura 04: Artista e a estruturação das alegorias do Festival do Mocambo



Créditos: Portal A Crítica.

Com isso, ocorre formação de redes de artistas oriundos do próprio Festival de Parintins, que vão trabalhar no festival em um “deslocamento temporário”, analisado por Lopes e Barbosa (2017). Nesse contexto, envolvem os artistas dos bumbás como itens ou também nas indumentárias e alegorias

Com isso, o destaque maior do festival é relacionado as disputas de Bois e posteriormente, os pássaros, a partir das brincadeiras de rua e da expressão religiosa, na qual ainda continuam a expressar os cotidianos que ainda não se perdem e as diferentes cosmologias e relações sociais, no que Braga (2009) define como importante estudar essas práticas.

Pássaros e agremiações

Falar dos Cordões de Pássaros, é remeter não ao estado do Amazonas e sim ao vizinho, Pará, pela sua história ao longo do século XX. Destaca Simonian (2005), a partir das obras de Paes Loureiro, que a brincadeira de pássaros envolve um teatro popular musicado e que carrega influências amazônicas, em uma relação entre a natureza e a cultura.

A brincadeira dos cordões de pássaros ou bichos, tem como um contexto histórico e também seus primeiros registros, a partir de meados de 1848, pelas obras de Bates e abordada por Silva (2012), tendo como início da brincadeira, a região de Ega (atual município de Tefé – AM). Nesse contexto, destaca em seus primeiros anos, a indefinição acerca da brincadeira e posteriormente, sua inserção perante os períodos juninos e em festejos de santos na região amazônica, destacando as áreas bragantinas e do baixo Amazonas no Pará, conforme relatam Simonian (2005) e Silva (2015).

Na área de estudo em questão, as brincadeiras de cordões de pássaros, são oriundas do município de Maués e criadas ainda em meados dos anos 1950. Gomes (2017), destaca o surgimento da brincadeira da região, a partir de trabalhadores da juta que foram para a região do Mocambo e Parintins, cuja região era considerada remota e de difícil acesso, conforme destaca Lima Junior (2019).

Posteriormente, a brincadeira foi descontinuada após os seus criadores, os irmãos Messias retornarem para a cidade natal e retomada por habitantes nascidos na região em meados dos anos 1980, conforme destaca Eleutério (2015) e se perpetua até os dias atuais, sendo este pioneiro, o Pássaro Jaçanã, conforme visto na figura 05.

O Jaçanã, caracterizado como um pássaro preto e com plumagem vermelha, ao longo de suas disputas, conquistou 08 (oito) títulos: 2005, 2007, 2011, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019.

O adversário, Pavão Misterioso, é considerado mais novo. Fundado como uma promessa de São João em 1977 pela senhora Alaíde, o mesmo ainda sofre controvérsias acerca do nome, devido a espécie de Pavão da região, ser de porte menor e se alimentar de insetos, conforme descreve Gomes (2017). A inspiração para a criação, foi as histórias orais contadas de geração a geração sobre as lendas da região.

Figura 05: Evolução do Pássaro Jaçanã no Festival de 2019



Créditos: Portal A Crítica.

O Pavão Misterioso, é caracterizado como um pássaro de cor azul clara e com plumagens amarelas ou até mesmo vermelhas, conforme visto na figura x. Nas disputas do Festival, se encontra empatado com 08 (oito) títulos: 2004, 2006, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013 e 2017.

Figura 06: Pavão Misterioso e seu tripa no Festival de 2019



Créditos: Pavão Misterioso – Acervo Pessoal

Um dos aspectos relacionados a característica dos Pássaros, envolve a luta pela sobrevivência do animal, a partir do caçador. Outras vertentes, analisam ela como algo não-sagrado, mas relacionado diretamente com os festejos de santo e juninos, como descreve Silva (2012) nas manifestações a ocorrer na região bragantina e Gomes (2017). Além disso,

nota-se a existência de outros cordões de pássaros denominados de Jaçanã, já catalogados por Simonian (2005), nos municípios de Alenquer e Santarém.

A inserção dos cordões de pássaros no Festival a partir de 2004, trouxe novas conotações, mas o significado original relacionado a uma vertente indígena da brincadeira de boi-bumbá, tendo a principal personagem, Dona Maria e seu pássaro que sofre com a perseguição de um caçador para matar o bicho.

Nas histórias que surgem da brincadeira, conta em primeiro momento, a participação de crianças e posteriormente, só homens participavam. Os papéis femininos eram interpretados pelos mesmos em fantasia, até que a participação de mulheres se tornou permitida. A questão da inclusão foi ganhada ao longo dos anos, principalmente inspiradas nas demais brincadeiras folclóricas.

Ao longo dos anos, as disputas de pássaros tiveram a ampla participação dos seus fundadores, onde os brincantes que estão no festival, relatam a elaboração, criação e também como iriam se organizar as apresentações. Destaca-se nas temáticas da disputa de pássaros, a relação com as histórias e lendas da região do Mocambo, estas passadas de geração a geração, além da religiosidade advinda das promessas que originaram a brincadeira.

Nesse aspecto, as disputas envolvem uma série de critérios a serem analisados. Atualmente, são 19 critérios a serem analisados por um grupo de 4 jurados, conforme visto na tabela abaixo.

Quadro 02: Itens avaliados na modalidade dos Pássaros

Nº	DESCRIÇÃO DO ITEM	Nº	DESCRIÇÃO DO ITEM
1	Apresentador	11	Rainha da Natureza ou Rainha da Selva
2	Levantador de Toadas	12	Caçador
3	Curandeiro ou Curandeira	13	Cordão
4	Evolução do Pássaro	14	Rei e Rainha
5	Dona Maria ou Fada	15	Toada, Letra e Música
6	Fantasia	16	Coreografia e Criatividade
7	Sereia ou Estrela	17	Amo do Pássaro
8	Porta-Estandarte	18	Organização do Conjunto Folclórico
9	Tuxaua	19	Alegoria
10	Pescador		

Extraído de: ATRACAMAR/Prefeitura de Parintins

Elaborado por: Gabriel Santos, 2019

Esses itens são avaliados em um tempo de 70 (setenta) minutos de apresentação. Nos últimos anos, as apresentações do mesmo são realizadas na primeira noite, juntamente com as quadrilhas. Com isso, nota-se uma exclusividade dos bumbás nas demais noites, assim

desenvolvendo um marketing no festival a partir das outras agremiações, conforme será visto acerca dos bumbás.

Bumbás e agremiações

A identidade atual, a partir dos aspectos da midiatização, se concentram principalmente na disputa dos bumbás que agitam os demais dias do festejo de Mocambo do Arari e tem fortes inspirações do Caprichoso e Garantido da sede de Parintins. A partir disso, as relações entre ambas as agremiações podem ser percebidas, principalmente na estruturação das agremiações.

O primeiro bumbá criado na região, foi o Espalha Emoção (figura 07), em junho de 1999 a partir de uma brincadeira utilizando paródias do festival de Parintins, conforme descreve o site da agremiação (2014). Tendo como seus fundadores Edvaldo (Baruca), Leandro (Bacu), Raimundo Ilmo, Josinelson Ribeiro (Pintão), Jackson Ribeiro (Beißola), Altaides (Tai), Alexandre (Xande), Eliandro (Alumínio) e Genildo Lemos (Gordo), os mesmos batizaram o bumbá como “Espalha Merda” e posteriormente, trocou seu nome para o atual para a disputa do primeiro festival em 2004, onde foi o primeiro campeão do certame, disputando já com o Touro Branco.

Figura 07: Evolução do Boi Espalha Emoção em 2019



Créditos: Wigder Frota – Acervo Pessoal

O Espalha Emoção é caracterizado pela cor amarela e branca e com um sol na testa. Desde o primeiro festival, realizado em 2004, o Espalha participou de todas as edições e com

diversas temáticas na região e conquistou 10 títulos: 2004, 2005, 2007, 2009, 2010, 2012, 2014, 2015, 2018 e 2019.

Ao longo dos anos, as evoluções no cenário musical favoreceram o surgimento de diversos artistas que migraram para os bumbás de maior porte de Parintins. Em seus primeiros momentos, as paródias e até mesmo a apresentação com as toadas dos bumbás já consagradas, foram o estopim da simpatia dos moradores. Na conjuntura atual, a valorização dos artistas do próprio distrito e da relação com a sede municipal, favoreceram a magnitude dos demais envolvidos, principalmente o rival.

O Bumbá Touro Branco, foi criado como um boi branco e com uma estrela laranja e um T (Touro Branco) na testa (figura 08), foi fundado no ano de 2001 por outro grupo de amigos: Aldeliano Printes, Alcimar (Negão), Valdenor Tavares, Manoel Marques, Jesus Marques, Marcio Marques, Evailson Marques, Cleide Pantoja, Alciney Souza e Josean Lima, cujo objetivo era a rivalização com o já pioneiro e dar um ar de valorização das terras mocambenses.

Figura 08: Evolução do Touro Branco em 2019



Créditos: Wigder Frota – Acervo Pessoal

A brincadeira dos bumbás, reflete diretamente o cotidiano do Distrito do Mocambo, conforme descreve Eleutério (2015) e Gomes (2017). Nos dias de festa, a ostentação das cores, as disputas entre moradores se tornam mais fortes, principalmente para saber quem é o melhor bumbá da região. São avaliados, na modalidade dos bumbás, cerca de 21 (vinte e um) itens, assim como baseados em Parintins, conforme visto a tabela abaixo.

Quadro 03: Itens avaliados na modalidade dos Bois

Nº	DESCRIÇÃO DO ITEM	Nº	DESCRIÇÃO DO ITEM
1	Apresentador	12	Tuxauas
2	Levantador de Toadas	13	Pajé
3	Amo do Boi	14	Tribos Indígenas
4	Batucada/Tamura	15	Ritual Indígena
5	Porta-Estandarte	16	Toada, Letra e Música
6	Rainha do Folclore	17	Vaqueirada
7	Sinhazinha da Fazenda	18	Coreografia
8	Cunhã-Poranga	19	Galera
9	Boi-Bumbá Evolução	20	Alegoria
10	Lenda Amazônica	21	Organização do Conjunto Folclórico
11	Figura Típica Regional		

Elaborado por: Gabriel Santos, 2019, a partir da ATRACAMAR/Prefeitura de Parintins

Os temas abordados em questão, procuram exaltar os contextos da região e os cotidianos envolvidos. Um dos aspectos envolvidos nessa relação dos cotidianos, é definido por Fortuna (2009), como múltiplos aspectos de linguagens e descrições acerca do cotidiano e também das relações urbanas, sendo o Mocambo do Arari, um dos maiores distritos da região.

Pensar as temáticas apresentadas pelas agremiações, é envolver também a busca pela identidade. Gomes (2017), destaca nessa questão, a busca dos compositores dos bumbás envolvidos, pelos povos que habitavam a região, a partir de relatos e de informações de terceiros, ocasionando também uma reflexão acerca das origens do Mocambo do Arari e também da religiosidade da região.

Destaca-se nos últimos anos, temas envolvendo as relações entre Arte e Cultura, a partir da identidade histórica e social dos habitantes do Mocambo. A partir disso, engloba as questões das Cosmologias, Cosmoginias, o *Ethos* e também as relações geográficas e territoriais com a Amazônia.

Moura (2010), mostra em seu contexto, a relação do significado e das indumentárias em uma ampla conexão com as coreografias e a exaltação dessa cultura e a preservação dessas memórias, em uma relação do sagrado com o profano, principal âmbito das estas populares da Amazônia. Nesse contexto, é englobado também, o formato alegórico (figura 09) e também da ornamentação, baseadas na sustentabilidade e na relação com a natureza, de onde é retirada as matérias primas para as confecções, assim, trazendo significados voltados a natureza amazônica, abordada nas apresentações.

Figura 09: Cipós e elementos naturais na construção de Alegoria



Créditos: Portal A Crítica

Ao longo dos anos, o Festival conquistou uma magnitude turística gigante, sendo considerada a maior manifestação da Zona Rural do Amazonas. Atualmente, além dos visitantes de Parintins, há a presença de turistas de outros municípios, incluindo Manaus, de onde se parte caravanas de simpatizantes de ambas as agremiações. Segundo a Prefeitura de Parintins, nos últimos anos, o festival atraiu cerca de 10 mil pessoas nas 03 noites, o que mostra o surgimento e interesse turístico, aliados a globalização cultural e a espetacularização das festas populares, conforme descreve Nogueira (2008).

DO FESTIVAL DE VERÃO A DISPUTA DOS BOIS: O CASO DA REGIÃO DO CABURI

Histórico, formatos e locais

Relacionar a história do Festival Folclórico do Caburi, é entender os contextos do Festival de Verão que ocorre na região no mês de setembro. Segundo Azevedo Filho (2013), a região é considerada nesse aspecto turístico, como algo sazonal, influenciado principalmente pela realização deste festival.

Nesse contexto, o evento é realizado a partir da Associação de Moradores e Agricultores Familiares do Caburi (AMAF), com parcerias da Prefeitura Municipal e também do Governo do Estado, fomentando o evento a ser realizado na Praia Brilho do Banzeiro, conforme a figura abaixo.

Figura 10: Preparação do Festival de Verão do Caburi em 2017



Créditos: Portal da Amazônia

Ao longo dos anos, o Festival é caracterizado por disputas esportivas, shows locais e também com um alto número de visitantes. Segundo a Prefeitura de Parintins (2019), o número de visitantes é grande principalmente, dos municípios próximos da região, como Nhamundá, Boa Vista do Ramos e Barreirinha.

A criação do Festival Folclórico do Caburi, tem como ponto de partida, as apresentações individuais dos bumbás na cidade, sem nenhum tipo de vínculo ou financiamento público. A partir dessas apresentações, no ano de 2018, se instaurou o primeiro festival, mas sem disputa de títulos, o que veio a ocorrer em 2019, com o campeonato do Boi Famoso.

Na disputa do Festival Folclórico do Caburi, participam 03 (três) agremiações: o Boi Charmosinho, Boi Famoso e o Boi Pingo de Ouro, além de diversas quadrilhas. Desde quando foram instaurados o festival, houve repasses pequenos, entre 10 mil a 20 mil reais divididas entre as agremiações. Entretanto, algumas particularidades passarão a ocorrer, devido a criação recente do evento, principalmente envolvendo os bumbás da localidade.

Bumbás e agremiações

O Pingo de Ouro, datado do ano de 2004. O início da trajetória do mesmo, é relacionado com o representar da Escola Municipal Walkiria Viana Gonçalves nas festividades juninas. Segundo Brito (2018), o nome do bumbá é relacionado principalmente com plantas no ambiente escolar. Até o ano de 2017, era realizado apresentações individuais nas ruas do distrito, junto com um antigo boi que existia no local, o “Boi Pirulito”, hoje extinto.

A oficialização do mesmo como bumbá para disputar em Festivais, se deu somente neste corrente ano, ainda como apresentação individual, tendo como as cores, o amarelo e o branco e um pingo simbolizando na sua testa (figura 10). Com isso, veio o primeiro tema do bumbá: Caburi, Nossa Terra: Pingo de Ouro, nosso Boi.

Figura 11: Pingo de Ouro com o símbolo no Caburi



Créditos: Boi Pingo de Ouro – Acervo Facebook

A agremiação do Boi Charmosinho tem como história, o brincar na rua ainda em meados dos anos 1990, com uma das famílias habitantes do lugar. Entretanto, com a mudança para a sede municipal de Parintins, um outro grupo tomou conta da brincadeira e não foi continuada tendo sido extinto temporariamente.

Nos últimos anos, mais preciso, em 2017, a família que fundou o mesmo retornou a brincadeira e posteriormente, renovou a brincadeira de boi, se apresentando individualmente, a partir do Pingo de Ouro se apresentando nas ruas. O bumbá é relacionado pela cor branca e com uma estrela de 8 pontas na testa, simbolizados na cor vermelha, conforme figura abaixo.

Figura 12: Pingo de Ouro com o símbolo no Caburi



Créditos: Boi Pingo de Ouro – Acervo Facebook

O terceiro boi do Caburi, recebeu o nome de Famoso e é o mais recente do distrito, criado em 2016. Segundo relato de brincantes, ao longo da história do mesmo, o mesmo tinha um estilo igual ao boi Touro Branco do Mocambo, mas em 2019, decidiram a radicalização e ter um boi todo laranja. Nesse aspecto, procuraram dar uma originalidade e relacionar como algo originário da região do Caburi, tendo o destaque também, o diamante na testa, conforme visto abaixo.

Figura 12: Boi Famoso em 2016



Créditos: Junior Souza – Acervo Pessoal

No entanto, os registros do bumbás, principalmente no que traz respeito as datas é considerado difícil de encontrar, principalmente pela falta de interesse em divulgar ou até mesmo, a perda dos registros familiares. Os relatos mais precisos, envolvem os brincantes que são envolvidos desde a infância e o ambiente escolar na comunidade. A partir disso, o festival se construiu em primeiro momento, como algo individual.

Com a união, a criação do Festival se concretizou com o primeiro repasse de verbas para as agremiações em 2018 e 2019, mas para os próximos anos ficou estabelecido o seguinte. Os com maiores pontuações, seriam considerados os bumbás da localidade, enquanto que o terceiro poderia disputar, mas sem apoio institucionalizado do governo municipal ou outras esferas.

Entre os anos de 2018 e 2019, as apresentações ocorriam em uma área próxima da Escola Municipal Walkiria Gonçalves (figura 13), em uma estrutura montada e simplória, mas que os bumbás traziam inovação e também, os itens avaliados no festival.

Figura 14: Apresentação do Boi Charmosinho em 2019



Créditos: Boi Charmosinho – Acervo Facebook

Em questão de itens, os bumbás disputam uma equivalência do Festival de Parintins, com os blocos artísticos, cênicos e coreográficos, divididos em itens coletivos, individuais e abstratos. No primeiro festival com disputa, com exceção dos blocos cênicos, os demais foram avaliados, conforme visto na tabela abaixo.

Quadro 05: Itens avaliados no Festival Folclórico do Caburi

COMUM/MUSICAL	CÊNICO	ARTÍSTICO
Apresentador	Coreografia	Ritual Indígena
Levantador de Toadas	Pajé	Lenda Amazônica
Amo do Boi	Porta-Estandarte	Figura Típica Regional
Batucada/Marujada/Banda	Rainha do Folclore	Vaqueirada
Galera	Sinhazinha da Fazenda	Alegoria
Toada, Letra e Música	Cunhã-Poranga	Tribo Coreografada
Organização do Conjunto Folclórico	Boi-Bumbá Evolução	
	Pai Francisco e Mãe Catirina	

Elaborado por: Gabriel Santos, 2019, com base nos relatos de brincantes das agremiações

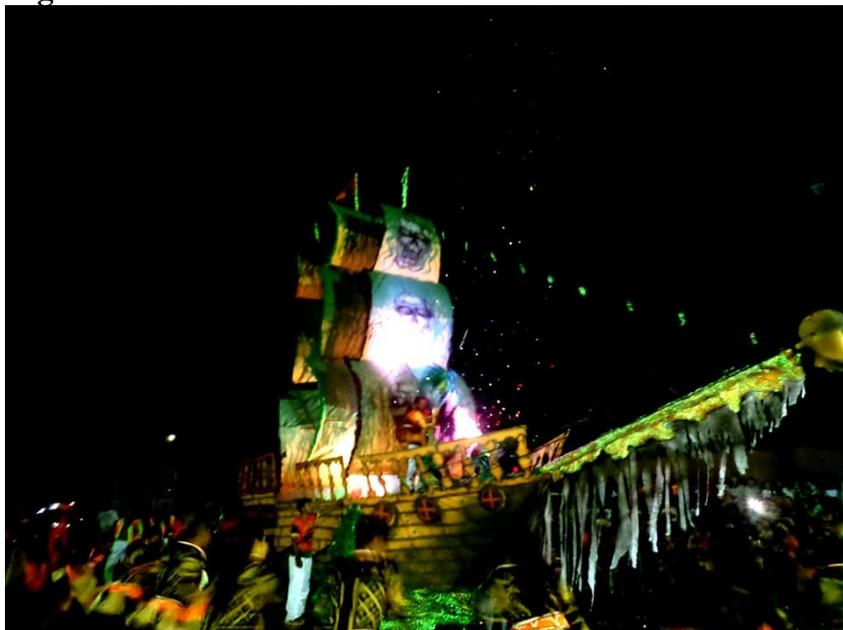
Apesar de ser um evento recente, o Festival Folclórico do Caburi já contém uma estrutura a ser montada para os próximos anos, em um local fixo, neste caso, o projeto do bumbódromo do Caburi. Isso se deu a partir de relações políticas. Nesse aspecto, Machado (2011) e Santos e Monteiro (2019), destacam a necessidade das alianças para o apoio e prosseguimento na realização dos eventos, tendo os mesmos considerados como trampolins políticos.

Uma das particularidades do Caburi nesses últimos anos, são as temáticas exploradas, principalmente na valorização do povo Caburiense (quadro 06). Nesse aspecto, Antunes (2009), destaca essa valorização como um aspecto de inclusão patrimonial e na construção

dos sentidos do lugar no espaço, principalmente no Caburi, que apesar de ser localizado na Zona Rural, já contém diversos traços urbanos

A construção temática das agremiações do Festival do Caburi, envolvem principalmente a relação identitária com o lugar. Tuan (2012), define basicamente a questão da “topofilia”, relacionada ao apego e a relação com o lugar de origem. Nessa questão, é englobada as lendas, as paixões que envolvem os moradores e também os relatos dos viajantes, conforme visto na figura abaixo.

Figura 15: Lenda Amazônica do “Navio Encantado do Caburi



Créditos: Boi Famoso – Acervo Facebook

Nota-se, portanto, o Caburi como um formato recente e simplório em seu Festival Folclórico, mas com o potencial econômico e de destaque. Com isso, o destaque das redes geográficas, temporais e sazonais, como trabalha Azevedo Filho (2013) na questão do turismo empregado durante o Festival e outras atividades, também religiosas, quanto Lopes e Barbosa (2017), que tangem o trabalho no festival como uma forma de sobrevivência dos artistas e do capital após o Festival de Parintins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensar da resistência das manifestações culturais, é entende-las a partir do contexto em que as mesmas estão inseridas. Ambas as localidades, tem como o principal destaque, seu

contexto rural e também, as urbanidades já existentes, principalmente pelas relações capitalistas já inseridas, tanto na economia, quanto no turismo do local.

No âmbito cultural, é interessante ressaltar as relações e redes que o folclore consegue se formar. Da sede municipal, os vilarejos recebem auxílios das agremiações e também trabalham na divulgação dos seus artistas. Ao mesmo tempo que há uma interferência da modernidade dos bois da sede municipal de Parintins, a partir dos grandes investimentos, os destaques do simples e da beleza nos festivais destes distritos, trazem um ar de originalidade e também de uma identidade própria.

No contexto da identidade própria, as faltas de registros na realização da pesquisa, mostram que muitos contextos acabam por se perder. A necessidade frente aos meios de desenvolvimento, contribuem e muito para as perdas históricas e impactos sociais, principalmente as novas gerações, muitos dos quais não tem o interesse em se envolver nas atividades culturais dos seus distritos.

A partir das imensas transformações tecnológicas e sociais, os festivais dessas localidades se adaptam as urbanidades vigentes e as modernidades exigidas. Nesse contexto, as estruturações e reestruturações procuram dar novos tons as festividades, principalmente no aliar das tradições já existentes e na espetacularização voltada ao turismo.

REFERENCIAIS

ARANTES, Antônio. Patrimônio Cultural e Cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rodrigo (Orgs.). **Plurais de Cidade**. Coimbra: Almedina, 2009, p.11-24.

AZEVEDO FILHO, João D'Anuzio Menezes de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas**. 2013. 212f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Culturas Populares na Cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rodrigo (Orgs.). **Plurais de Cidade**. Coimbra: Almedina, 2009, p.69-82.

BRITO, Orenildo. **Boi Pingo de Ouro do Caburi**. Disponível em: <<http://orenildobrito.comunidades.net/boi-pingo-de-ouro-caburi-am>> Acesso em: 23/11/2019.

CAVALCANTI, M.L.V.C. O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**. 2000, vol.6, p.1019-1046. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a11.pdf>>

ELEUTÉRIO, Celia Maria Serrão. **O Diálogo entre Saberes Primevos, Acadêmicos e Escolares**: potencializando a Formação Inicial de Professores de Química na Amazônia.

2015, 236f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

FORTUNA, Carlos. Cidade e Urbanidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rodrigo (Orgs.). **Plurais de Cidade**. Coimbra: Almedina, 2009, p.69-82.

GOMES, Jéssica Dayse Matos. **Mocambos na Amazônia: História e identidade étnico-racial do Arari, Parintins/Amazonas**. 2017. 151f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes. “No meu tempo nós remava lá na cabeceira para estudar lá na boca do Mocambo”: Trabalhadores do campo e a exclusão educacional escolar - o Puxirum no Mocambo do Arari – Parintins – AM. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - RECH**, [S.l.], v. 4, n. Número 1., p. 318-434, jul. 2019. ISSN 2594-8806. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/rech/article/view/5841>>. Acesso em: 24/11/2019.

LOPES, Iago Klinsman Guimarães; BARBOSA, Tatiana da Rocha. **O deslocamento temporal dos artistas plásticos que trabalham com o Festival Folclórico de Parintins-AM a mercantilização da mão de obra artística e suas redes**. 2017. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo – Licenciatura em Geografia) – Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas, Parintins.

MOURA, Regina. **Sobre a indumentária na festa popular: imagens, signos e fantasias**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 101-108, mai. 2010

NONATO, Alice Alves Menezes Ponce de Leão. **De Parintins para todo mundo ver os velhos da Amazônia**. Revista Iluminuras, v. 20, p. 262-285, 2019.

NUNES, Paulo André. **Festival do Mocambo fecha 16ª edição ganhando 'corpo' de olho no futuro**. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/festival-do-mocambo-fecha-16-edicao-ganhando-corpo-de-olho-no-futuro>> Acesso em: 19/11/2019.

PREFEITURA DE PARINTINS. **Festival de verão do Caburi supera expectativas e é sucesso**. Disponível em: <<https://parintins.am.gov.br/?q=277-conteudo-102368-festival-de-verao-do-caburi-supera-expectativas-e-e-sucesso>> Acesso em: 19/11/2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008, 384p.

SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia**. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. 2013. 155f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 9.ed.rev. Manaus: Valer, 2000, 422p.

Gabriel Augusto Nogueira dos Santos - Graduado em Geografia (Modalidade Bacharelado) e Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Além disso, é graduando em Tecnologia em Logística pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, membro do grupo de pesquisa "Geografia da Amazônia: Ambiente e Cultura", do "Grupo de Estudos em Transportes e Logística" pela UFAM. Tem como linhas de pesquisa, os seguintes temas: Geografia Urbana, Geografia dos Transportes, Economia e Planejamento dos Transportes, Sistemas de Transportes, Políticas Públicas, Folclore e Cultura, com ênfase nos aspectos da Amazônia Brasileira.

Recebido para publicação em 25 de março de 2020.

Aceito para publicação em 30 de março de 2020.

Publicado em 30 de março de 2020.